



BREVIÁRIO PERVERSO DA FILOSOFIA: Antropofagia sexualis

Wellington Lima Amorim¹

Em um vilarejo isolado de colinas sombrias, existe um sobrado assombrado: Mansão das Sombras. Envolto em névoa densa, era conhecido por seus segredos sombrios e por abrigar um grupo peculiar de indivíduos. A mansão era habitada por uma família descendentes de José Ramos e Catarina Paulsen, os comedores de carne humana na Rua do Arvoredo, cuja descendência era envolta em histórias macabras e lendas horripilantes. Eram famosos por seus banquetes noturnos, onde indulgiam em prazeres carnis e hedonismo desenfreado. A história dizia que, quando a meia-noite chegava, a família eram guiadas por uma sede insaciável de carne humana. As vítimas eram convidadas a participar dessas orgias decadentes antes de se tornarem o prato principal. Uma noite, uma jovem curiosa e destemida, decidiu investigar os boatos sobre a Mansão das Sombras. Ela acreditava que era hora de expor a verdade sombria que envolvia aquelas paredes. Apesar dos avisos e histórias macabras, seu desejo de desvendar o mistério era irresistível. Guiada pela lua cheia, entre as figueiras do bosque assombrado em direção à mansão sinistra. À medida que se aproximava, sentia a presença maligna crescendo cada vez mais forte, penetrando sua alma. Ela entrou furtivamente, movendo-se nas sombras, ansiosa para desvendar a verdade.

Enquanto explorava os corredores escuros, ouvia sussurros e risadas sádicas ecoando pelas paredes. Ela se esgueirou até um aposento proibido e testemunhou uma cena terrível. A família se banqueteava em uma mesa repleta de iguarias, cercada por corpos desmembrados e órgãos humanos. Ela sentiu uma mistura de horror e fascínio enquanto observava a orgia macabra se desenrolar diante de seus olhos. No entanto, sua presença foi descoberta e ela foi capturada. Agora,

¹ Doutor em Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wellington.amorim@gmail.com



ela era o próximo prato principal, condenada a se tornar parte do ritual sombrio da família. Era arrastada para a sala de banquetes enquanto lutava para se libertar das garras. Desesperada, ela percebeu que estava cercada por inúmeros convidados anteriores. Ela sabia que seu destino estava selado, mas recusou-se a aceitar seu trágico fim. Em um último ato de coragem, agarrou um candelabro próximo e o lançou em direção à mesa do banquete. As chamas se espalharam rapidamente, envolvendo a sala em um inferno ardente. A mansão tremia e rangia, desmoronando em meio ao caos. Aproveitou a confusão e conseguiu escapar, correndo pelo bosque entre as figueiras em busca de redenção, ela olhou para trás, vendo e via a mansão desaparecer, levando consigo os segredos obscuros que ali residiam. Anos se passaram e a Mansão das Sombras permanece apenas como uma lenda assustadora de uma família maldita que se entregava à antropofagia e às orgias sombrias, permaneceu como um lembrete aterrador dos limites da luxúria e da depravação humana...

No universo dos versos vou mergulhar,
Entre as palavras, histórias vou criar.
Em rimas ousadas e cheias de vida,
Eu vou compor um poema com comida e vida,
A comida, delícia que alimenta o paladar,
Sabores exóticos, prazer a se provar.
Frutas suculentas, suaves como um beijo,
Nutrem os corpos, despertam desejo.
Na dança das colheres, sabores se misturam,
Como corpos ardentes, que na paixão se aventuram.
Os temperos exalam um aroma sedutor,
Assim como os corpos em um ato de puro amor.
Os pratos servidos, desejos provocam,
A fome insaciável, que na cama se choca.
O toque das mãos, como garfos a se encontrar,
Deslizam suaves, na pele a desbravar.
Saborear cada pedaço, como um deleite,
Assim como no sexo, os corpos se encaixam como creme de leite.
Explorando os sentidos, o paladar e o tato,



Numa dança ardente, um eterno contato.
 Comida e sexo, duas fontes de prazer,
 Em versos e desejos, podem se entrever.
 Um poema audaz, que ousa transgredir,
 Unindo os sentidos, sem medo de sentir.
 Então, com as palavras, vou compondo o poema,
 Embebido de paixão, de prazer, como carioca da gema.
 Comida e sexo, um deleite para a alma,
 Numa sinfonia de sabores, onde a vida se acalma.
 Que esse poema desperte sensações,
 E que nas entrelinhas, encontre conexões.
 Comida e sexo, dois prazeres a se desvendar,
 Em cada verso escrito, a essência a ecoar.
 Em um sobrado engravado nas colinas,
 Oculto pelos segredos e pelas sombras assassinas,
 Habitava uma criatura macabra e sensual,
 Um ser enigmático, desejado por todo mortal.
 Seu nome era Lúcifer, o Conde da Devassidão,
 E sua luxúria e fome não tinham limitação.
 Sua mansão era um santuário do prazer obscuro,
 Onde o sexo e a comida se misturavam num murmúrio.
 Os corredores frios eram como veias pulsantes,
 Ecos de gemidos ecoavam pelos salões incessantes.
 Lúcifer, com seus olhos carmesim e sorriso perverso,
 Atraía as almas perdidas para seu universo.
 Seu banquete hedonista era um espetáculo inebriante,
 A comida servida em corpos nus, era repleta do quente sangue.
 Frutas proibidas eram degustadas com lascívia voraz,
 Enquanto os convidados se entregavam ao êxtase fugaz.
 A atmosfera era impregnada de sedução e perdição,
 Onde os desejos mais obscuros encontravam exaltação.
 Mulheres e homens entregavam-se à paixão desenfreada,
 Enquanto os pratos afrodisíacos preenchiam a mesa farta.
 Por trás de cortinas de veludo e candelabros acesos,
 Lúcifer celebrava o pecado e seus preciosos segredos.
 Seus convidados, hipnotizados pela luxúria e prazer,
 Se rendiam ao Conde, se entregando até se liquefazer.
 No auge do festim, quando o êxtase estava no ápice,



O sobrado tremeu com a chegada de uma entidade felina,
 Era Lilith, a rainha das sombras, envolta em mistério,
 Uma criatura sedutora que desafiava qualquer critério.
 Lúcifer, enfeitiçado por sua beleza e poder sombrio,
 Desafiou a própria existência em um jogo vadio.
 Em meio à dança dos corpos e ao banquete proibido,
 Os dois seres se entregaram ao prazer escondido.
 E assim, naquele castelo de luxúria e medo,
 O sexo e a comida se tornaram um só segredo.
 O prazer e o horror entrelaçados em uma sinfonia,
 No gótico conto, onde a paixão encontrava sua agonia.
 Cuidado ao se aventurar por terras tão sombrias,
 Onde os desejos são expostos em suas fantasias.
 Pois a luxúria pode levar a um abismo sem fim,
 Onde a satisfação carnal é apenas o começo do ruim.
 Afinal, era neste remoto sobrado,
 Cercado por um denso bosque de figueiras,
 Sem redenção,
 Repleto de segredos em seu coração,
 Morada de puro terror, onde a luxúria e o pecado dançavam lado a lado, sem pudor.
 A proprietária, uma mulher de beleza proibida,
 Com seus cabelos negros e olhos de esmeralda perdida,
 Ela atraía almas perdidas com seu magnetismo cruel,
 Oferecendo prazeres carnavais e banquetes até o céu.
 As noites na mansão eram um convite para o pecado,
 Onde a carne se entregava a desejos tão malvados.
 Os convidados eram cativos da sedução da dama da noite,
 Enquanto, sorrateira, tecia sua teia como um açoitado.
 Em um dos salões, mesas fartas eram postas com esmero,
 Delícias gastronômicas, frutas exóticas, manjares de mistério.
 Porém, havia um prato especial, um manjar afrodisíaco,
 Feito com ingredientes sinistros, obscuros e demoníacos.
 Aqueles que o provavam, perdiam o controle da razão,
 E sucumbiam a desejos vorazes, sem qualquer limitação.
 O prazer carnal e a fome voraz se entrelaçavam na escuridão,
 Enquanto ela observava, alimentando-se da perdição.
 À medida que a noite avançava, a atmosfera se tornava densa,
 Gemidos e sussurros ecoavam por cada fresta, numa dança intensa.



Os corpos nus se enroscavam em êxtase, em um abraço mortal,
Enquanto o prato amaldiçoado causava um frenesi infernal.
Mas a mansão escondia um segredo sinistro,
Por trás das paredes manchadas de sangue e desespero existia um primeiro-ministro.
Na verdade, condenado por seu poder,
Em em seu banquete macabro, colhia almas para se fortalecer.
A cada ato de prazer, ela absorvia a energia vital,
E aqueles que se entregavam, tornavam-se seu banquete final.
O sexo e a comida eram apenas instrumentos de sua vingança,
Pois em seu coração negro, a sede de poder era a sua aliança.